

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

EDUARDO SOUSA BARBOSA

**RETÓRICA DE VEROSSIMILHANÇA E VERDADE PROCESSUAL EM “DOM
CASMURRO” A PARTIR DA ACUSAÇÃO DO “CRIME” DE ADULTÉRIO**

SÃO PAULO

2018

EDUARDO SOUSA BARBOSA

RETÓRICA DE VEROSSIMILHANÇA E VERDADE PROCESSUAL EM “DOM
CASMURRO” A PARTIR DA ACUSAÇÃO DO “CRIME” DE ADULTÉRIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Direito da Universidade
Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial
à obtenção do grau de Bacharel em Direito.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Júlio César de Oliveira Vellozo

SÃO PAULO

2018

BARBOSA, EDUARDO SOUSA

Retórica de verossimilhança e verdade processual em dom casmurro a partir da acusação do “crime” de adultério / Eduardo Sousa Barbosa. – 2018.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.

Bibliografia: fls. 35

EDUARDO SOUSA BARBOSA

RETÓRICA DE VEROSSIMILHANÇA E VERDADE PROCESSUAL EM “DOM
CASMURRO” A PARTIR DA ACUSAÇÃO DO “CRIME” DE ADULTÉRIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Direito da Universidade
Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial
à obtenção do grau de Bacharel em Direito.

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Júlio César de Oliveira Vellozo
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Rodrigo Salgado
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Me. André Pereira Tokarski
Universidade Nove de Julho

A meus pais, Zélia de Jesus (*in memoriam*) e Euclides de Sousa Barbosa, por terem sido gentis; Aos meus avós, Luzia Rodrigues Pereira e Sebastião de Paula Pereira (*in memoriam*), por terem sido sábios; especialmente, a Raquel Muniz da Costa, por ser Companheira e Forte!

AGRADECIMENTOS

A generosa Prof.^a Marta Andea, na saudosa E.E. Prof.^o Dr. Laerte Ramos de Carvalho, por inúmeras vezes, mesmo contra o regulamento, dado meu atraso devido a precariedade do transporte público da época, permitir nossa entrada, mais ainda pelas primeiras lições sobre Machado de Assis.

Ao querido Professor Guaracy Moreira Filho, pelo amor ao ensino e as letras jurídicas criminais. Seus risos e lágrimas, são o fruto dos seus exemplos didáticos, só possível aos que venceram no fronte de batalha da vida e da profissão.

A querida Prof.^a Dr.^a Suzana Mesquita que durante as aulas de Filosofia Jurídica deu-nos a oportunidade de vislumbrar com critérios e bom-humor uma visão interdisciplinar das questões atuais.

Em especial, ao estimado orientador, Prof.^o Dr. Júlio César de Oliveira Vellozo pela humildade intelectual e seriedade, além da extrema generosidade, sem a qual este trabalho não seria possível. Com a certeza de que nos deu a oportunidade de vislumbrar novos horizontes.

Aos mestres com carinho, muito obrigado!

É preciso entregar-se de todo o coração para que a verdade se entregue. A verdade só está a serviço de seus escravos (Antonin-Dalmanace Sertillanges).

RESUMO

Um fenômeno recorrente é a utilização da retórica de verossimilhança. *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, trata do inconformismo do personagem principal que já sexagenário e recluso empreende esforços para unir na velhice a juventude, fazendo-o, por escrito, o que torna-se o relato de uma vida, na qual sucumbiu aos ciúmes, negou ao filho, exilou a esposa, tornando-se um solitário e triste indivíduo, mas que tenta por meio de sua autobiografia, convencer a si próprio e convencer a nós leitores de que foi vítima de um adultério. O objetivo do trabalho é a partir da acusação do crime de adultério enfrentarmos a retórica de verossimilhança e interpretar o romance como um processo criminal. Iniciamos por um breve panorama histórico-literário da temática do adultério feminino. Seguimos com um resumo do romance permitindo ao leitor conhecer os pontos mais relevantes da obra. Prosseguimos com a fortuna crítica a partir de especialistas e leitores machadianos para compreender possíveis interpretações do romance. Investigamos a retórica de verossimilhança que fomenta a acusação de adultério de Capitolina Santiago. Finalmente, analisamos o romance como um processo criminal e prolataremos uma sentença. A partir de tais estudos é possível observar que a dificuldade do personagem em lidar com seus ciúmes o fazem sucumbir, mas também ao manusear a caneta e expor sua autobiografia/peça de acusação, faz com engenhosidade um grande discurso de verossimilhança, que ainda que subjetivo, não lhe traz felicidade ou redenção moral.

Palavras-chave: Retórica de verossimilhança. Machado de Assis. Acusação do crime de adultério. Verdade processual. Ciúmes.

ABSTRACT

A recurring phenomenon is the use of verisimilitude rhetoric. Dom Casmurro, by Machado de Assis, deals with the nonconformity of the main character, who is already sexagenarian and reclusive. He makes efforts to unite his youth in his old age, writing him what becomes the story of a life, in which he succumbs to the jealousy, denied his son, exiled his wife, becoming a lonely and sad individual, but who tries through his autobiography, convince himself and convince us readers that he was the victim of adultery. The purpose of the work is to start from the accusation of the crime of adultery to face the rhetoric of verisimilitude and interpret the novel as a criminal process. We begin with a brief historical-literary panorama of the theme of female adultery. We continue with a summary of the novel allowing the reader to know the most relevant points of the work. We proceed with the critical fortune from Machadian scholars and readers to understand possible interpretations of the novel. We investigate the rhetoric of verisimilitude that fosters the adultery charge of Capitolina Santiago. Finally, we look at the novel as a criminal case and we will prolate a sentence. From such studies it is possible to observe that the difficulty of the character in dealing with his jealousy makes him succumb, but also when handling the pen and exposing his autobiography / piece of accusation, ingeniously makes a great discourse of verisimilitude, that although subjective , does not bring happiness or moral redemption.

Keywords: Likelihood rhetoric. Machado de Assis. Accusation of the crime of adultery. Process truth. Jealous.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 PANORAMA HISTÓRICO-LITERÁRIO DO ADULTÉRIO.....	12
2 SÍNTESE DA OBRA	17
2.1 Rio de Janeiro do Segundo Império – 1857	18
2.2 Rio de Janeiro - Seminário - 1858.....	20
2.3 São Paulo, Faculdade de Direito do Largo São Francisco - 1859.....	21
2.4 Rio de Janeiro, casa-se com Capitu em 1865	21
2.5 Rio de Janeiro - Os encantos da paternidade – 1867.....	22
2.6 A dissolução do casamento e a ruína da personagem – 1872.....	23
3 FORTUNA CRÍTICA	24
4 RETÓRICA DE VEROSSIMILHANÇA.....	28
5 VERDADE PROCESSUAL.....	31
5.1 Relatório	31
5.2 Fundamentos.....	33
5.2.1 As Dez libras esterlinas	33
5.2.2 Uma visita tardia.....	34
5.2.3 Semelhança física	34
5.3 Dispositivo.....	35
CONCLUSÃO.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

INTRODUÇÃO

Nas letras nacionais uma obra ultrapassou as fronteiras da literatura e da invenção estilística, se tornando uma fiel síntese das instituições presentes na sociedade brasileira urbana de sua época. Assim, publicado em 1899, *Dom Casmurro*,¹ escrito por Machado de Assis (1839-1908), é reconhecidamente o ponto mais alto e mais equilibrado da prosa realista brasileira.² Igualmente, encanta na prosa machadiana, uma sensibilidade à mesquinhez humana e a sorte precária do indivíduo, que aceita por fim uma e outra herança inalienável, fazendo delas alimento de sua reflexão cotidiana.³

De súbito, *Dom Casmurro* exerce uma força literária. Sucesso de público e de crítica, a obra desperta profundas e reflexivas impressões. Ao público sensacionalmente convoca a curiosidade. Com efeito, no imaginário popular diversas passagens são recorrentes para responder se afinal, “teria sido Capitu culpada de adultério?”; por sua vez, já a crítica literária, clama por esforços para que haja além do alcance do significado do referido texto e uma ampliação interpretativa da narrativa.

O protagonista, de *Dom Casmurro* é um solitário viúvo de meia idade. Bento Santiago de Albuquerque, herdeiro de terras, advogado, detentor de elevada cultura geral e dotado de habilidades literárias é o modelo do indivíduo que se vê envolvido em um triângulo amoroso. A partir dessa triangulação ideal, suspeita e conclui ser vítima do crime de adultério, levando-o a expor sua consciência resultando em um discurso escrito, precisamente, sua autobiografia, sendo uma mescla de objetividade e ressentimento, que aos leitores ao término da leitura, entrega uma ambiguidade.

Neste sentido, partir-se-á do pressuposto de que o drama vivido por Bento Santiago de Albuquerque é real e têm origem no patriarcalismo, institucionalizado pelo ordenamento jurídico do Segundo Império. Porque ficcionalmente, de maneira curiosa, o protagonista frequentou os bancos da Faculdade de Direito em São Paulo, absorvendo a doutrina da época, e, interiorizando o pensamento social e jurídico decorrente da relação entre marido e mulher.

Enfim os dissabores decorrentes da convicção da personagem sobre o suposto adultério da esposa, e ações em sua vida privada, numa interpretação do romance, exibem uma retórica de verossimilhança que para ser solucionada evoca a um processo criminal, com isso,

¹ Integra com *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Quincas Borba* (1891), uma importante trilogia da literatura nacional.

² BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 48. ed. São Paulo: Cultrix, 2012. p. 184.

³ *Ibidem*, p. 186.

de maneira simbólica, *Dom Casmurro* ilustra os obstáculos que o Direito enfrenta ao buscar distribuir Justiça.

Em suma, trata-se de uma história de reflexão raivosa sobre o passado, a partir da acusação do crime de adultério, na qual o protagonista tenta justificar, por escrito, por meio de uma retórica de verossimilhança que se vale de um conjunto difuso de impressões, sentidos e sinais extraídos de acontecimentos do cotidiano do casal e até de reminiscências da infância para si (testemunha, promotor e julgador), e para a sociedade (leitores) sua sentença (atos praticados).

O problema de pesquisa propõe investigar a frutífera árvore discursiva de *Dom Casmurro* para se chegar à verdade, isto é, a partir da acusação do crime de adultério enfrentarmos a retórica de verossimilhança e interpretar o romance como um processo criminal.

Em razão do exposto, para atingirmos o objetivo deste trabalho, (1) passaremos por um breve panorama histórico-literário da temática do adultério feminino. (2) Resumiremos o romance permitindo ao leitor conhecer os pontos mais relevantes da obra. (3) Prosseguiremos com a fortuna crítica a partir de especialistas e leitores machadianos para compreender possíveis interpretações do romance. (4) Investigaremos a retórica de verossimilhança que fomenta a acusação de adultério de Capitolina Santiago (5) Finalmente, analisaremos o romance como um processo criminal e prolataremos uma sentença.

1 PANORAMA HISTÓRICO-LITERÁRIO DO ADULTÉRIO

Sabe-se que anteriormente à obra objeto deste estudo, muitos artistas abordaram o tema do adultério. A pesquisadora Ester Kosovski⁴ apresenta o surgimento de tal temática e como ela foi tratada por diferentes autores, em cada época, como se vê a seguir.

Homero em 800 a.C., em *Ilíada*, nos dá um relato de desobediência de um costume de hospitalidade (receber e presentear) destinado aos estrangeiros. Temos, o jovem príncipe Páris (filho do rei troiano Príamo) que ao raptar Helena, esposa de Menelau (Rei de Esparta) fez com que a ira dos gregos confederados recaísse sobre sua nação, resultando na destruição de Troia e também na morte de milhares de homens durante a guerra.⁵ Assim, em *Ilíada* a extrema beleza de Helena suscita um alerta, pelos seus belos olhos da morte, os homens não acabaram ainda de se matar, nem as cidades ainda arder.⁶

Passado Homero, o adultério feminino é destacado pela força trágica de Eurípedes, que ao contrário de seus antecessores, possui uma posição mais avançada da condição da mulher. Vejamos, na tragédia de Medéia, ao ser repudiada pelo seu marido, Jasão, a represália é brutal. Assassina os próprios filhos, envenena a noiva com quem Jasão ia se casar, além do pai da noiva, Creonte. Temos o reverso da vingança do adultério feminino: a mulher se vinga do marido que a repudia.⁷

Por fim, não caberia aqui percorrer todo o caminho da literatura grego romana e medieval para acompanhar a evolução que o tema do adultério foi sofrendo. Basta ao objetivo deste breve panorama, não perdermos de vista que o mundo mudou ao sabor de novos costumes, de novas posturas, da evolução da moral em face das transformações econômicas e políticas ocorridas.⁸

A peça *Mandrágora* datada de 1515, escrita pelo notável florentino Nicolau Maquiavel, gira em torno de um casal (composto por um ingênuo juiz de meia idade e sua virtuosa e bela esposa), que sem a vinda de um filho, acreditavam na esterilidade de Lucrecia. Por sua vez, Calímaco um jovem sedutor, se apaixona por Lucrecia e, mancomunado com um oportunista e mau caráter, conjecturam como o jovem poderá possuir sexualmente Lucrecia. Ademais, conta com auxílio de um frade corrupto, chamado de Frei Timóteo, para ganhar a

⁴ KOSOVSKI, Ester. *O crime de adultério*. Rio de Janeiro: Mauad, 1997. p. 119-133.

⁵ HOMERO, *Ilíada*. Trad. Manoel Odorico Mendes. Fontes digitais: Digitalização do Vol. XXI dos Clássicos, Jackson 1950, Edição de 1874, Typographia Guttemberg, Praça da Constituição n. 47. Exemplar da Harvard College Library digitalizado por Google disponível no Google Books, 2009. p. 7.

⁶ SARTRE, Jean Paul. *As troianas*: adaptado de Eurípedes. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966. p. 76.

⁷ KOSOVSKI, op. cit., p. 120.

⁸ *Ibidem*, p. 121.

confiança de Nícia, se apresentando como médico, e de maneira ardil, se valendo de sua ignorância, convenceu a partilhar com Lucrecia uma solução: ingerir uma droga, raiz milagrosa, conhecida como Mandrágora. Advertindo que o primeiro homem que tivesse relações sexuais com Lucrecia, após a ingestão da droga, morreria imediatamente⁹. Outrossim, sugeriu que encontrassem alguém que se dispusesse a copular com Lucrecia (e será ele mesmo, Calímaco, disfarçado de mendigo). Calímaco cumpre seu propósito, revelando-se, e surpreendentemente ganhando a confiança e o amor da heroína, após confessar seu ardil.

Em suma, precisamente em Maquiavel o ardil, a trapaça e a mentira, parecem valer a pena, tendo sido alcançado o fim, a consumação sexual com a jovem foi alcançada. Uma vez que não há sanção imposta ao casal adúltero, tendo ainda, Lucrecia (vítima da fraude) estendido seu o perdão, e rendido seu amor ao seu embusteiro Calímaco.

Também renascentista, outro gênio tratou, em tom de tragédia da temática do adultério. Coube a Shakespeare, no século XVII, escrever a peça *Otelo: o mouro de Veneza* sensibilizou e chocou o público ao expor a degradação do honrado Otelo (estrangeiro, negro, homem de ação – com pouco domínio das palavras) que se casa com Desdêmona (veneziana, branca, filha de um nobre e, bem instruída).

Ainda mais, Otelo se torna vítima das intrigas e artimanhas de Iago, assim, sucumbindo aos ciúmes doentios e matando a esposa com as próprias mãos.

Por outro lado, destaca-se que na tragédia, o lenço que marca o início do amor entre o casal, simbolicamente limpa e desmascara as mentiras de Iago, portanto evidenciando a inocência de Desdêmona, e consolidando a desgraça e o suicídio de Otelo.

Nesse sentido, é essencial o entendimento de que:

Otelo, por não perceber que está sendo enganado, usa os adjetivos errados para falar sobre Iago e Desdêmona. Ele inverte as palavras e nesta inversão fica clara sua cegueira com relação à verdade sobre estas personagens. Assim, Iago, é o honesto Iago, o fiel Iago, o Justo Iago. Desdêmona, é a rameira, a desonesta, a infiel, a puta. Tudo isso culmina, na falta de visão do mouro, até o momento em que Otelo dá uma bofetada em Desdêmona e usa uma única palavra para defini-la: “Demônio!”. Otelo não domina a linguagem. Talvez esta seja a sua principal culpa. Ele mesmo admite essa sua fraqueza: “Rude eu sou de fala”. Ele não entende a linguagem elaborada, a arte da sugestão. A única arte que domina é a da guerra. E não é no campo

⁹ GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes. *Mandrágora e a Posse Sexual Mediante Fraude*. 2011. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2011-ago-07/embarcos-culturais-mandragora-posse-sexual-mediante-fraude>>. Acesso em: 10 out. 2018.

de batalha que Iago desafia Otelo. O terreno em que se dará o conflito é o da linguagem. É aí que Otelo é enganado.¹⁰

Não só Otelo é um personagem grandioso de virtude moral, seus feitos em batalha garantem-lhe honradez, mesmo sem o domínio da fala são seus feitos e sofrimentos que conquistam o amor de Desdêmona. Adiante na peça a medida que se deixa guiar pelas falas maliciosas de Iago. Este a seu modo, possui um poder diferente da força, o poder da linguagem, exercendo a arte da sugestão.

Em suma, a nosso ver salta aos olhos a necessidade do domínio da linguagem, que simbolicamente, representada pelo personagem Otelo, dada sua pouca habilidade, marca a ruína de sua causa amorosa, e conseqüentemente sua desgraça (pública e privada), passando de homem honrado rebaixado ao indivíduo que se deixa agir violentamente movido por um sentimento menos nobre: o ciúme.

Outrossim, o adultério também foi tratado por Gustave Flaubert, em *Madame Bovary*, publicado em 1857, evidenciando o Realismo francês, marcam na literatura, efetivamente a iniciativa feminina para buscar uma realização existencial, que o matrimônio e a família já não lhe davam.

Ema Bovary, é a moça do campo que educada em convento, assim já alfabetizada, se debruça sobre diversas leituras sentimentais e se perde ao ouvir o desejo sexual, e procurar intencionalmente amantes para consumir diversos casos extraconjugais. Destaque para o fato de que, a personagem central, Ema, é uma personagem feminina muito forte, porque controla sua vida na busca de seus desejos e também sua morte.

Assim, posto que após o fracasso da fuga com um dos amantes, na tentativa de dirimir sua angústia faz com que o marido comprometa bens para satisfazer os luxos da esposa com, vestidos, pratarias e móveis caros, para que logo em seguida, Ema cometa suicídio.

Em suma, Ema Bovary se mata, mas não por remorsos, absolutamente. Se matou por endividamento e pela desilusão com os amantes a quem recorreu, em vão, para livrá-la de um processo.¹¹ “– Oh! A morte é coisa bem insignificante! – pensava ela. “Vou dormir e tudo terá acabado.”¹²

Adiante, estruturado em paralelismos, escrito por Liev Tolstói, *Anna Karenina*, publicado em 1878, na Rússia. Marca a articulação através de contrastes: a cidade e o campo;

¹⁰ CINTRA, Rodrigo Suzuki. *Shakespeare e Maquiavel: a tragédia do direito e da política*. São Paulo: Alameda, 2015. p. 118.

¹¹ KOSOVSKI, Ester. *O crime de adultério*. Rio de Janeiro: Mauad, 1997. p. 126.

¹² FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary: costumes de província*. São Paulo: Nova Alexandria, 2009. p. 356.

as duas capitais da Rússia (Moscou e São Petersburgo); a alta sociedade e a vida dos mujiques; o intelectual e o homem prático, etc.

Assim, com a narrativa das personagens, o autor aborda diversos temas que vão desde a guerra da Sérvia, a administração agrícola, o regime da propriedade da terra, a relação com os trabalhadores, a decadência da nobreza, a educação das crianças, o casamento, a religião, o serviço militar compulsório, etc.

Surpreendentemente salta aos olhos, após a consumação do adultério de Anna, o comportamento de seu marido. Conselheiro do Império. Que se esconde demonstrando-se intocável e emocionalmente distante, uma vez que se entrega aos afazeres que demandam seu alto posto no escalão burocrático, não age perante a descoberta do adultério da esposa. Só o fazendo, após muito e por insistência da irmã.¹³

Em suma, além da pressão social, ao abandonar tudo para viver com o amante, o que impeliu Anna ao suicídio foi muito mais, o desencantamento com o amante, ao perceber que o amor que lhe tinha, além de ter esfriado, não possuía a mesma intensidade.

No Realismo português, coube ao grande Eça de Queiroz, retratar o adultério feminino, em especial no romance, *O primo Basílio*.

Neste romance, a protagonista, Luísa, mulher casada, sonhadora e sentimentalista, casa-se para cumprir seu papel perante a sociedade e, em seu íntimo, extravasar seu apetite sexual. Ao ponto que dada ausência do marido, a negócios, aproxima-se de seu primo, confundindo sentimentos e decaindo romanticamente para o adultério, sofrendo com o julgamento social, ficando enferma vítima de chantagens que a expunham aos pesados trabalhos domésticos (aos quais nunca tivera perícia) obtém ainda acamada, o perdão do marido (que descobre as cartas trocadas pelos amantes), mas morre logo em seguida, em saber, que para Basílio, Luísa não passou de uma insignificante conquista amorosa. Portanto, vítima de sua confusão sentimental.

Sobre este romance, são interessantes às seguintes conclusões:

“[...] A personagem Luísa é o resultado do “falso moralismo” da sociedade burguesa lisboeta, sociedade que defende valores morais no espaço público, mas que no nosso espaço privado da instituição familiar – o casamento, esses valores morais são velados. O autor da obra, Eça de Queiroz, vivenciou os acontecimentos dessa sociedade e por isso, indignado com a falsidade e hipocrisia em relação aos valores morais, sobretudo ao que se refere à mulher, que fora educada para ter o casamento como única opção de vida, critica arduamente os moldes educacionais, sociais, políticos e econômicos. [...] Pode ser que o Realismo de Eça não fosse capaz de provocar mudanças

¹³ KOSOVSKI, Ester. *O crime de adultério*. Rio de Janeiro: Mauad, 1997. p. 126.

nessa sociedade através de sua escrita, mas ele talvez pode sentir que cumpriu com a sua parte como escritor ao manifestar seu modo de vislumbrar a verdade, desmascarando a hipocrisia reinante.”¹⁴

Desse modo, entendemos como importante a contribuição de Eça de Queiroz, ao expor a hipocrisia moral e a falha social ao relegar à figura feminina o papel de adorno social, ou seja, mero expoente da futilidade burguesa.

Por fim, algo original ocorre em *Dom Casmurro*, cabendo com assertiva a seguinte observação sobre a genialidade de Machado de Assis:

“[...] soube criar tal atmosfera de malícia, suspeita e incerteza. Na verdade, era um gênio da sutileza, um artista supremo da ambiguidade. De todos os romances sobre o “crime” do adultério, nenhum conseguiu deixar no leitor tal dúvida sobre os fundamentos da suspeita do marido enganado.”¹⁵

Assim, mesmo com a contribuição de grandes gênios literários, a temática ora analisada encontrou uma abordagem original, em *Dom Casmurro*, publicado em 1899, porque Machado de Assis “suprime o narrador onisciente, que explica os fatos de uma plataforma divina, e dá toda a responsabilidade ao personagem ciumento.”¹⁶

¹⁴ OLIVEIRA, Raquel Garcia; ELIAS, Ivan de Oliveira; SANTOS, Heloisa Ribeiro dos. *Amor, desejo, traição, hipocrisia: retratos do relíquias em “O primo Basílio” de Eça de Queiroz*. Revista Acadêmica Conecta FASF 2(1):164-192, 2017. p. 190.

¹⁵ KOSOVSKI, Ester. *O crime de adultério*. Rio de Janeiro: Mauad, 1997. p. 127.

¹⁶ SILVIANO, Santiago. *Retórica de verossimilhança* in Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural. 2. ed. – Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 33.

2 SÍNTESE DA OBRA

A obra narrativa do brasileiro Machado de Assis, *Dom Casmurro*, é a autobiografia do sexagenário Bento Santiago de Albuquerque, viúvo, advogado, detentor de elevada cultura bem como notável habilidade estilística e literária, que apesar de contar com respeitável status social (vida pública), sucumbiu aos ciúmes, acreditando ter sido vítima de adultério e, conseqüentemente exilando sua esposa e relegando seu filho (vida privada).

A seguir, para maior compreensão serão apresentados os fatos mais importantes do romance, pelos anos em que ocorreram.

A história se inicia com o já sexagenário Bento Santiago de Albuquerque, expondo um causídico banal, e daí título do livro. Relata que em viagem, após um conhecido, ter-lhe entusiasmadamente recitar-lhe versos, tendo cochilado algumas vezes. Despertando o descontentamento do poeta, este por sua vez, alcunha-o de “Dom Casmurro”. Recomendando abandonar o significado presente no dicionário a palavra *casmurro*, apresentando-a ao leitor, no sentido homem calado e metido consigo. E que *Dom* ironicamente lhe atribui status de fidalguia.

Pouco adiante, na casa em que mora sozinho, expõem sua satisfação em seu projeto arquitetônico. Reproduziu exatamente igual na velhice, as características na casa que viveu sua infância e juventude: o mesmo prédio sobrado, janelas, varanda, quartos, salas, móveis e, especialmente, nas paredes os retratos de César, Augusto, Nero e Massinissa, todos grandes personagens da história antiga. Disto, relata seu desejo de atar as duas pontas da vida, sendo isto, por sua vez, restaurar na velhice a adolescência, compartilhando sua insatisfação por não ter conseguido recompor o que se passou nem quem foi.

Assim, munido de recordações, e cansado da monotonia, eis que vislumbrando os quadros das personagens históricas na sua parede, já que elas não poderiam reconstituir o tempo, poderia ele reconstituir o tempo para elas.

Outrossim, buscando satisfazer seu desejo, empreende o personagem, iniciar a escrita de sua autobiografia.

Importante esclarecer que até aqui os fatos narrados fazem parte da rotina do cotidiano do advogado, Bento Santiago de Albuquerque, que irá narrar, já velho, a história de sua vida. Daí, é importante considerar que toda a narrativa está condicionada à sua própria visão dos acontecimentos e, também que a narrativa ocorre em um tempo muito posterior ao dos acontecimentos.

2.1 Rio de Janeiro do Segundo Império – 1857

Bento Santiago de Albuquerque, apelidado de Bentinho, filho de um já falecido fazendeiro e deputado (Pedro de Albuquerque Santiago), e sua mãe D. Glória, além dos demais membros que compõem seu núcleo familiar sua Tio Cosme, prima Justina e o agregado José Dias.

Um dia, Bentinho antes de entrar na sala ouve seu nome e, sem ser percebido, vislumbra José Dias, durante uma reunião familiar, questionando D. Glória, sobre o iminente envio do menino ao seminário a fim de cumprir a promessa que sua mãe, fizera quando de seu nascimento: ordená-lo padre. José Dias cobra D. Glória porque percebera a aproximação cada vez mais intensa entre o menino e a filha do vizinho, a menina Capitulina, apelidada de Capitu; ainda, o mesmo José Dias referênciava Capitu como sendo a filha do *tartaruga*, e na sequênciã arremata que, a menina é uma desmiolada.

Fugindo sem ser percebido, na varanda de sua casa, atordoado com o que acabará de ouvir, percebe que ao ser mandado para o seminário seria separado de Capitu. Assim, lembrando da convivência com a menina, recorda o dia em que ao elogia-la, sobre a qualidade dos sonhos dos enamorados, eram belos como a pessoa que os sonhava, fez-se Capitu, cor de Pitanga. A partir dessa lembrança, assumi para si próprio que amava a menina.

Bentinho sai das imediações da chácara de sua família e ainda transtornado é surpreendido, por ouvir na já conhecida chácara vizinha, o chamado da mãe de Capitu, e ao encontrar a menina decidido a contar da iminência de ser enviado ao seminário, é surpreendido com a inscrição “BENTO CAPITOLINA” riscada no muro da casa de Capitu. Logo ambos são surpreendidos pelo Sr. Pádua, pai da menina, que questiona o que as crianças faziam com os rostos tão próximos um do outro, ao passo que Bentinho fica sem reação, com desenvoltura Capitu cria um subterfugio, riscar sobre a inscrição e dissimular a aproximação sentimental dos jovens, apelando para um jogo popular cujo objetivo é fazer o outro rir.

Já sozinhos para conversar na casa de Capitu, Bentinho confessa a causa de sua aflição. Capitu demonstra irritação com o intento de D. Glória. E pede para que Bentinho diga as frases que ouviu, imite os gestos que viu, tudo para que Capitu pudesse equacionar uma maneira para solucionar o problema, ao passo que são interrompidos por um vendedor de doces que cantarolava “Chora, menina chora, chora porque não tem vintém”¹⁷, ao passo que Capitu desabafa que se fosse rica, Bentinho fugiria de navio para a Europa. Assim,

¹⁷ ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. 30. ed. São Paulo: Ática 1997.p. 37.

conjecturam quem poderia ser-lhes de auxílio para ir minando o intento de D. Glória em ordenar o filho Padre: firme, Capitu declara o agregado José Dias. Ao passo que após Bentinho ao agregado acompanhar-lhe em seus estudos, este sempre afeto a cultura, vislumbra a possibilidade de estudar leis, em São Paulo.

Mais uma vez, após ter Bentinho incitado o auxílio de José Dias em seu intento de não ir ao seminário, Capitu lhe pede um relato preciso dos gestos, dialogo, entonação de voz, para meditar e memorizar essas informações, ao passo que, vislumbramos a seguinte declaração, “Capitu era mais mulher do que eu era homem”, havendo uma clara intenção do narrador (Casmurro), frisar que determinados conceitos devem ser incutidos na alma do leitor, à força de repetição, e expor as curiosidades sobre Capitu, seu desejo de saber de tudo, de aprender a ler, escrever, francês, contar, e havendo a declaração de que latim não era para mulheres, Capitu declara que aquilo lhe ascendeu um desejo de aprender aquilo. Lia romances, perguntava sobre as gravuras, o nome, a história e o lugar. Mas em especial, descreve nosso Casmurro narrador, o episódio em que vislumbrando os retratos na sala, na casa de Bentinho, ao José Dias narrar que César deu a Cleópatra uma perola no valor de seis milhões de sestércios, lembra que ascendeu os olhos de Capitu.

Após vislumbrar os olhos de ressaca de Capitu, Bento enreda-se ao pentear os cabelos da jovem, ao passo que um beijo ocorre entre os jovens, quando são surpreendidos por passos no corredor, dessa vez era D. Fortunata, recompondo-se rapidamente Capitu, fazendo graça do intento de Bentinho em lhe pentear os cabelos, ao passo que Bento ficou sem reação.

Na sequência, em uma conversa franca D. Glória desencoraja a rebeldia de Bento, e conclui que dentre poucos meses ele irá para o seminário. Assim, diante do poço na chácara da família de Capitu, os jovens fazem um juramento de se casarem no futuro.

Ao passo da despedida de Bento com sua ida para o seminário, D. Glória dispensou a Capitu um tratamento filial, e a partir daí acentua o narrador (Casmurro) que Capitu ia prendendo D. Glória, se fazendo mais assídua e terna, recebendo como mimos, em reconhecimento de simpatia, deu-lhe um anel, gargantilhas e um retrato. No mesmo sentido descreve a despedida que teve com o Sr. Pádua (pai de Capitu), que após abraçar o jovem Bentinho, com os olhos molhados, trazia a cara dos desenganados, que perde o bilhete premiado.

2.2 Rio de Janeiro - Seminário - 1858

Ao ingressar no seminário fica tido que caso Bento não demonstre sua vocação eclesiástica em um ano, será revista sua estadia no seminário. Lá conhece o seminarista Ezequiel de Sousa Escobar, descrito com rapaz alto, esbelto, olhos claros, e com hábito de meticoloso ao guardar na memória registros e conversas. Do contato entre ambos uma amizade sincera surge.

Assim, conjecturando com José Dias como sair do seminário, decidem simular um problema de saúde que faça necessária uma mudança de ares. Conquanto, na mesma oportunidade, Bentinho pergunta sobre Capitu, ao que José Dias diz estar feliz a menina, dançando por aí. Ao que desperta grande ciúmes em Bento.

Com a ausência de Bento, a intimidade entre Capitu e D. Glória só cresce, ao ponto de a menina servir-lhe de enfermeira, para lidar com cuidados mais penosos. Temos o comentário de Prima Justiça, dizendo que não era necessária tanta pressa de Capitu, porque o que tiver de ser seu, a mão terá de ir. Mais uma vez, José Dias, declara que um Dandy de cavalo baio passa na rua em busca de Capitu, ao ouvir isso Bentinho demonstra mais uma vez seus ciúmes, e confessa desejar encerrar os dedos no pescoço de Capitu.

Adiante, em confidência, Bento relata para Escobar que não pode se ordenar padre por amar uma mulher, ao passo que Escobar confessa não poder ordenar-se porque sua verdadeira paixão não é a vida eclesiástica, mas sim o comercio. Nesse tempo, a presença de Capitu na casa de D. Glória se torna ainda mais firme, ao passo de conquistar definitivamente a confiança e fazer-lhe crer que faria Bento feliz.

Ao retornar em vista a casa de D. Glória, Bentinho descobre que uma amiga de Capitu, Sancha, está doente e, que Capitu está lhe auxiliando como enfermeira. Assim, Bento vai ao seu encontro, e enquanto aguarda, vislumbra com o pai na enferma um retrato na sala. Questiona Bento sobre a semelhança física desta (sua esposa retratada) com Capitu, ao passo que Bento, reflete ser de sua natureza, concordar com as perguntas de seu interlocutor, responde concordar com a semelhança. Ao passo que Gurgel afirma, que todos concordam com isso, e que a vida tem dessas coisas. Voltando para casa, de animo elevado, soube da morte de um colega pobre do bairro, o jovem Manduca, vítima de lepra.

Adiante, finalmente José Dias esboça seu plano para que Bentinho saia do seminário, ir até Roma - e claro com o agregado em sua companhia - pedir a autorização do Santo Padre para que seja dispensado do seminário. Ideia rechaçada por Capitu, e alternativamente intento

resolvido por Escobar. Sugere a Bento que D. Glória custeie os estudos de um órfão pobre, ordenando-o Padre, para que com isso dê ela a Deus, um padre, cumprindo sua promessa, também alternativa endossada pelo padre Cabral e finalmente Bentinho sai do seminário.

Aqui o narrador (Casmurro) tece um curioso comentário “aqui devia ser o meio do livro, mas a inexperiência fez-me ir atrás da pena, e chego quase ao fim do papel, com o melhor da narração por dizer.”¹⁸

2.3 São Paulo, Faculdade de Direito do Largo São Francisco - 1859

Aqui sabemos que Bentinho deu-se aos estudos jurídicos e que passou dos dezoito se tornando bacharel em Direito aos vinte e dois anos.

Ao passo que nesse período a mãe de Capitu morre, o Sr. Pádua se aposenta. E durante os cinco anos na faculdade em São Paulo, foi Escobar que se casará com Sancha, ficou designado (por iniciativa de Bentinho) para entregar as cartas aos namorados, Bento e Capitolina.

2.4 Rio de Janeiro, casa-se com Capitu em 1865

Já bacharel retorna ao seio familiar sendo recebido com alegria e com o consentimento de sua mãe ao casamento com Capitu, “Tu serás feliz meu filho.”¹⁹ Segue-se uma linda cerimônia. Ao passo que adentram na vida conjugal, Bento demonstra sinais de ciúmes, sendo o primeiro com relação a Capitu deixar os braços descobertos enquanto nos bailes em presença do marido, ficando consternado.

Salientemos o caso das dez libras esterlinas, no qual Capitu após alguns meses de casada, poupando o dinheiro das despesas domésticas, entrega as pedras de ouro a Bento, ao passo que esse, impressionado questiona que fora o corretor responsável pela compra e venda do metal precioso, surpreende-se em ser Escobar, especialmente, por ter sido um segredo entre ambos.

Ao passo que Sancha e Escobar já tinha seus anseios maternais atendidos, graças a filha do casal, a pequena Capitu. Bento e Capitolina rezavam para que tivessem um filho, passados já dois anos de matrimônio sem que seu desejo se concretizasse.

¹⁸ ASSIS, op. cit., p. 132.

¹⁹ Ibidem, p. 136.

2.5 Rio de Janeiro - Os encantos da paternidade – 1867

Nasce o filho de Bento e Capitu, o menino Ezequiel. Para alegrar a vida da família, com o encanto que apenas às crianças podem dar, além das brincadeiras comuns da infância, havia nesta, já aos seus cinco anos, o habito de imitar os adultos, ao passo que por parecer-se fisicamente com Escobar, ao imitar este, suscita em Bento uma dúvida. Que encontrará maiores consequências. Assim, em determinado episódio, em visita de José Dias, que se refere ao menino como “Dize-me filho do homem, onde estão teus brinquedos?”²⁰, desperta a imediata insatisfação de Capitu, que lhe repreende pela maneira bíblica de falar, mas nem assim, dura e crua, expressando aí indiretamente, certo sentimento de suspeita de paternidade, a que Bento não interfere, assiste o episódio, sem amparar a esposa.

Assim, em certo dialogo, Bento e Escobar trocam confidencias, e Escobar afirma que as crianças que convivem juntas acabam se parecendo, ao passo que Ezequiel assim agia, fazendo suas imitações, Bento que a seu modo consente sem conhecer, para evitar o confronto, observa que Escobar afirma que ambas as crianças a pequena Capitu e Ezequiel, poderiam um dia se casar.

Adiante, Escobar morre afogado. E em seu velório, Bento observa as lágrimas de Capitu, e acredita enxergar ali a revelação do adultério, aquilo que não se pode simular, o aflorar das emoções. Para ele, a esposa, estava demonstrando seu amor ao amante. Seu verdadeiro homem.

Adiante, Bento torna-se cada vez mais calado, ao passo que resiste às investidas da esposa para lhe alegrar, recusa jantares, passeios, viagens. Torna-se cada vez mais casmurro. E mais adiante, relata um dialogo em que Capitu comentará espontaneamente relata que os olhos de Ezequiel são iguais aos de Escobar. Isso é o declínio para o ciumento e desconfiado Bento. Com o passar do tempo acometido por agonia, torna-se grande o desejo de tirar a vida da esposa e do filho. Mas, desiste sempre desarmado pela candura da criança. Ao passo que a agonia da incerteza da paternidade, lhe imprimem a ideia do suicídio após distribuir veneno no café sendo, surpreendido no ultimo instante pelo filho que adentra seu gabinete, lhe desarma, e desperta a intenção de fazer com que a criança ingira o café envenenado, desistindo no último momento, e dizendo que não era o pai da criança. É surpreendido por Capitu, que prestes a ir à missa, questiona o motivo das lagrimas e das palavras que ouvirá. Ao que Bento, após insistências, responde, não ser o pai da criança. Para estupefação de Capitu.

²⁰ Ibidem, p. 154.

2.6 A dissolução do casamento e a ruína da personagem – 1872

Decidem por fim optar pela separação, ao passo que convenientemente, Bento envia Capitu e Ezequiel para a Europa e lhe, engana os amigos, apresentando falsas notícias da esposa. Capitu morre sozinha na Suíça. Bento recebe a visita do filho já moço, deseja-lhe a morte de lepra. Tem seu pedido atendido, o filho morre em uma expedição arqueológica no Norte da África. Conclui sua autobiografia, conciliando a primeira parte com o fim, expondo que, segundo ele, A Capitu da infância já estava dentro da Capitu adulta. Entregando uma ambiguidade.

3 FORTUNA CRÍTICA

A seguir serão apresentadas as impressões de fieis admiradores quanto a prosa machadiana, bem como existentes interpretações à *Dom Casmurro*.

Entre assíduos leitores e críticos é unanime o entendimento de que Machado de Assis é um raro fenômeno literário. A princípio o crítico mineiro Fábio Lucas ao reconhecer que “há quarenta anos que estudo a obra de Machado de Assis. Não é pouco, nem o bastante”,²¹ possui propriedade para dimensionar que:

Escritor durante cinquenta anos de sua vida, Joaquim Maria Machado de Assis transformou-se num dos maiores desafios da História e da Crítica literária em Língua Portuguesa. Poeta, jornalista, crítico literário, contista, teatrólogo e romancista, produziu obra de tal forma complexa e acima da gramática e das escolas do seu tempo que tem suscitado uma variadíssima bibliografia, cuja função exegética vem ultrapassando algumas vezes a mera interpretação de texto ou registro biográfico, pois se transforma em tentativa de explicação causalista de fenômeno tão incomum.²²

Tal qual para a crítica e tradutora americana Helen Caldwell (apud LUCAS, 2009, p. 100) Machado é uma joia a, a que nós brasileiros temos, digna de dar inveja ao mundo. Logo defende, termos com *Dom Casmurro* o romance mais belo de toda a América.

Por sua vez, para o ensaísta baiano Eugênio Gomes, estamos diante “da narrativa mais ambígua da literatura nacional”,²³ e, mais além, diz que “o romance *Dom Casmurro* “pode ser incluído entre os mais notáveis do gênero, não já brasileiros, mas universais, cujo manancial de sugestões não se esgota nunca, obrigando por isso mesmo a crítica a tê-los sempre sob a alça mira.”²⁴

De tal sorte que:

Tão obstinado foi Machado de Assis com a sua carreira literária e a perfeição de seu instrumento de expressão, que o gráfico de sua atividade mostra uma curva ascensional sem quedas. Tudo isso em função de uma disciplina intelectual sem precedentes em nossa História, tornando-se ele motivo de orgulho da classe dominante pela maneira impecável com que se comportava como funcionário público e como artista.²⁵

²¹ LUCAS, Fábio. *O núcleo e a periferia de Machado de Assis*. São Paulo: Manole, 2009, prefácio. p. VII.

²² Ibidem, p. 14.

²³ GOMES, Eugênio. *O enigma de Capitu, ensaio de interpretação*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967, prefácio. p. XIII.

²⁴ Ibidem, p. XIII.

²⁵ LUCAS, Fábio, op. cit., p. 17.

Ainda, Helen Caldwell (2002 apud BATISTA, 2018, p. 225) expos que as primeiras três gerações de críticos, desde a publicação de *Dom Casmurro*, convencidos por Bento Santiago, acreditavam ter Capitu cometido adultério, assim, são feitas fortes declarações de que:

Ela traz o engano e a perfídia nos olhos [...]; a insídia é nela instintiva” destilava Alfredo Pujol; “Capitu, a dissimulada, a pérfida” – declarou José Verissimo; na opinião de Astrojildo Pereira, se trata de “uma supermulher [...] metida na pele de uma pervertida requintada e imprevisível”; já para Barreto Filho, mais sóbrio, “Capitu é falsa, de uma maneira intrínseca e inevitável; segundo Lúcia Miguel Pereira, que enfatiza a “sedução pecaminosa” do personagem, a questão seria saber se “Capitu foi uma hipócrita ou uma vítima de impulsos instintivos”.²⁶

Foi preciso que chegassem os nos sessenta do século XX, anos em que as mulheres revigoraram as lutas por sua liberdade e autonomia, para que um conjunto de autores brasileiros e estrangeiros passassem a questionar aquela concepção da “adultera contumaz”.

Assim cabe mencionar novamente, que se valendo de uma angulação e baliza teórica diferente, Helen Caldwell (2002 apud LUCAS, 2009, p. 100) adentrando a *Dom Casmurro* explorou a natureza do ciúme presente no enunciado de Bentinho, o casmurro titular da fala e da visão do mundo da narrativa. Do mesmo modo, busca demonstrar as impregnações Shakespearianas, a título de exemplo, suscitando alusões escondidas por detrás dos nomes dos próprios personagens. Igualmente, Santiago seria a combinação de Santo + Iago, logo a fusão do bem e do mal existentes em cada indivíduo, sendo que na peça *Otelo*, Iago é a consciência invejosa e perversa que atormenta o ingênuo Otelo.

Em corroboração, *Duas Meninas*, de Roberto Schwarz, reúne dois ensaios, sendo “A poesia envenenada de *Dom Casmurro*” e “Outra Capitu”. Promove o cotejo das personagens, a primeira criada pelo gênio de Machado de Assis e a segunda brotada dos “cadernos de uma menina provinciana nos fins do século XIX, conforme se lê no subtítulo da obra, de tal modo a figuração de ambas realiza o retrato social da época, manifestando

A tese de Eugênio Gomes, vislumbrada em vários tópicos de seu ensaio e sublinhada, de modo especial, no final do livro, seguido do subtítulo o problema da verossimilhança:

O que dá a esse romance um interesse extraordinário, abrindo caminho às controvérsias, pende-se fundamentalmente a um problema de verossimilhança (...) o protagonista é um imaginativo em quem o subjetivismo supera frequentemente a visão direta da realidade propriamente dita.²⁷

²⁶ BATISTA, Nilo. *Machado de Assis, criminalista*. Rio de Janeiro: Revan, 2018. p. 225.

²⁷ GOMES, Eugênio. *O enigma de Capitu, ensaio de interpretação*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967. p. 162.

Entende que o gênio aguerrido de Capitu, sua iniciativa e improvisação, tenham sido mal interpretadas pelo inseguro Bentinho. Assim sendo, a tendenciosa narrativa da suposta vítima de traição conduziu premeditadamente a dar ênfase aos indícios incriminadores de Capitu.

Mais além, em seu panorama comparativo e biográfico o ensaísta baiano intercala sua obra com comentários sobre Machado e o drama de *Otelo*, de notório conhecimento do romancista brasileiro, (frisemos que há um sugerido paralelo, entre a intriga de *Dom Casmurro* - capítulo CXXXV - e a peça Shakespeariana). Informa Eugênio Gomes que Machado de Assis possui semelhanças com o personagem Shakespeariano “era homem de casado com mulher branca e ser conhecido que tinha ciúmes da esposa”. Apesar que, ainda em tempo, faz uma sagaz observação, “todavia Bentinho (Machado?): tímido, ciumento nato, mas acomodaticio, era moralmente a antítese de Otelo”²⁸.

Outrossim, Roberto Schwarz, em *Duas meninas*,²⁹ reúne dois ensaios – “A poesia envenenada de *Dom Casmurro*” e “Outra Capitu” – que se completam e demonstram a força analítica e reflexiva do escritor.

Assim, ao tratar de Capitu, assinala a contribuição dos críticos estrangeiros para o que segundo ele, elucidar o mistério da “traição” de Capitu, erguendo sua voz em sentido contrário aos demais críticos brasileiros, que foram habilmente seduzidos pelo relato apresentado por Bento Santiago/Bentinho.

Finalmente, Roberto Schwarz destaca a contribuição de Jonh Gledson na ampliação da tese de Helen Caldwell, suscitando ao problema do narrador a crise na sociedade patriarcal, mas a bem da verdade, o ensaísta a seu notável modo, claramente sugere que Bentinho seria, no caso o vilão do desajuste amoroso.

Ademais, sendo muito lido, além de objeto permanente da análise literária, a obra machadiana tem sido levada aos consultórios de psicólogos e psiquiatras, andada das salas dos filólogos aos gabinetes de linguistas, sociólogos e filósofos. E, a cada vaga de investigações sucede outra, sempre reivindicando recantos ainda não visitados pela curiosidade ou pela astúcia das gerações.³⁰

Assim, não tardou para que bacharéis observassem nas obras machadianas causídicos jurídicos. Fábio Trubilhano e Antônio Henriques reconhecem que:

²⁸ GOMES, Eugênio. op. cit., p. 20.

²⁹ SCHWARZ, Roberto. *Duas Meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

³⁰ LUCAS, Fábio. *O núcleo e a periferia de Machado de Assis*. São Paulo: 2009, p. 14.

Ao ler as cartas de Machado de Assis, percebe-se facilmente a dimensão universal de sua cultura, que se exterioriza por meio dos multifacetados problemas sobre os quais escreveu: política, economia, sociologia, religião e diversos outros assuntos. No entanto, parece dispensar atenção especial ao Direito, presente na maioria de suas obras, poesia inclusive. É de se imaginar que seu conhecimento sobre o vocabulário jurídico tenha provindo de seu trabalho como funcionário público, bem como de seus relacionamentos sociais.³¹

Em consonância, o entendimento de que Machado de Assis “aplica numerosíssimos conceitos jurídicos nas suas obras. Especialmente no campo do Direito Penal. E sempre corretamente.”³²

Em suma, várias intepretações podem ser feitas à partir de *Dom Casmurro*, mas salta aos olhos que a peça de acusação que nos é apresentada, numa interpretação processual criminal do romance, é construída por meio de uma retórica, conforme assinalado pelo crítico Santiago Silvano, ao concluir que “retórica é, pois, basicamente, um método de persuasão, de cujo o homem se vale para convencer um grupo de pessoas da sua opinião. E não é este um dos principais interesses da prosa de Dom Casmurro?”³³ Assim, passemos para um exame mais apurado da retórica empregada pelo nosso Advogado-narrador.

³¹ TRUBILHANO, Fábio; HENRIQUES, Antônio. *Linguagem jurídica e argumentação: teoria e prática*. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2014. p. 339.

³² BATISTA, Nilo. *Machado de Assis, criminalista*. Rio de Janeiro: Revan, 2018, prefácio. p. XIX.

³³ SILVIANO, Santiago. *Retórica de verossimilhança* in *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2. ed. – Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 42.

4 RETÓRICA DE VEROSSIMILHANÇA

Observamos que o drama vivido por Bento Santiago é um fato social. As origens de seu problema se concentram na estrutura familiar, cultural e jurídica de determinada época, mas essencialmente, por ser contada por um advogado, a narrativa está baseada em uma argumentação jurídica.

Dom Casmurro, cognitivamente toma para si a defesa de Bentinho. Usa toda a sua cultura forense, bem como sua cultura religiosa (ex-seminarista). Pré-requisitos para que se possa desenvolver habilidosamente uma retórica de verossimilhança.

Lembremos que o objetivo da comunicação “é o entendimento a partilha de propósitos, a adesão a determinado ponto de vista.”³⁴ Assim, em “um julgamento criminal, a argumentação fortemente emotiva tende a ser mais eficaz perante o Tribunal do Júri do que perante o juiz togado.”³⁵

De plano, o advogado-narrador nos dispensa o uso do dicionário para entendermos o significado de “casmurro”, nos entrega a definição de que é homem calado e metido consigo.³⁶ Mas, ao vislumbrarmos o dicionário, vemos que casmurro também é tido como “quem costuma teimar ou insistir numa ideia.”³⁷ Qual a razão em omitir tal informação? Ignorância ou intencionalidade planejada. Sabemos que o narrador-advogado é tudo menos ignorante, temos então, de plano, a versão contada por um teimoso.

Ademais que deseja “reatar as duas pontas da vida”³⁸ por meio de uma peça acusatória desenvolvida por uma retórica de verossimilhança que sabe qual tese decide entregar ao leitor (ou júri?): “Mas eu creio que não, e tu concordarás comigo; se te lembras bem da Capitu menina há de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca.”³⁹ ao passo que sai da boca de José Dias, um elogio a adulta Capitu: “Cuidei o contrário, outra; confundi os modos de criança com expressões de caráter, e não vi que essa menina travessa e já de olhos pensativos era flor caprichosa de um fruto sadio e doce.”⁴⁰ Se José Dias reconhece sua precipitação em julgar, o mesmo não acontece nosso advogado-narrador, cego e seletivo em suas memórias intencionalmente, nos conta aquilo que lhe convém.

³⁴ TRUBIHANO, Fábio; HENRIQUES, Antônio. *Linguagem Jurídica e argumentação*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2014. p. 87.

³⁵ *Ibidem*, p. 88.

³⁶ ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. 30. ed. São Paulo: Ática 1997. p. 13.

³⁷ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010, p.

³⁸ ASSIS, op. cit., p. 14

³⁹ *Ibidem*, p. 184.

⁴⁰ *Ibidem*, p.136.

Disto, seguimos outro pressuposto da retórica de verossimilhança empregada astuciosamente pelo nosso advogado-narrador. Além da já dita capacidade de delimitar de antemão a tese que decide entregar ao leitor, há também o predomínio da imaginação sobre a memória na investigação do passado. Em dois capítulos ao menos, temos o embate entre as duas faculdades e a vitória da fantasia.

Corroborando, cronologicamente, para o enfraquecimento da memória dado o distanciamento dos eventos vividos com o momento atual em que em seu gabinete, o Dom Casmurro, nosso narrador-advogado se mostra. Vejamos:

A imaginação foi companheira de toda a minha existência viva rápida, inquieta, alguma vez tímida e amiga de empacar as mais delas capaz de engolir campanhas e campanhas correndo. Creio haver ter lido um Tácito que às éguas iberas concebiam pelo vento; se não foi nele, foi noutro autor antigo, que entendeu guardar essa credice em seus livros. Neste particular, a minha imaginação era uma grande égua ibera; a menor brisa lhe dava um potro, que saía logo cavalo de Alexandre;⁴¹

Assim, temos dois capítulos nos quais temos duas passagens em que a imaginação supera a memória, isto é, para se valer da retórica de verossimilhança.

Não, não, a minha memória não é boa. Ao contrário, é comparável a alguém que tivesse vivido por hospedarias, sem guardar delas nem caras, nem nomes, e somente raras circunstâncias. A quem passe a vida na mesma casa de família, com os seus eternos moveis e costumes, pessoas e afeições, é que se lhe grava tudo pela continuidade da repetição. Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram! Eu não atino com a das que enfiei ontem.⁴²

Em perfeita harmonia com o ensinamento de Sócrates, ao que parece, profundamente enraizado por nosso advogado-narrador:

[...] quando um homem fraco, mas corajoso, ataca um homem forte, mas covarde, rouba-se a túnica ou qualquer outro objeto e ambos são conduzidos ao tribunal, nenhum deles deve dizer a verdade; o covarde deve declarar que o outro não estava só quando o atacou; o corajoso, pelo contrário, tratará de provar que os dois estavam sós e acrescentará: “como ousaria eu atacar tal homem?” O outro, naturalmente, para não se confessar covarde, inventará novas mentiras, que confundirão o acusado.⁴³

⁴¹ ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. 30. ed. São Paulo: Ática 1997. p. 67.

⁴² *Ibidem*, p. 89.

⁴³ PLATÃO. *Fedro*. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda., 2007. p. 116.

Portanto, sobre nosso advogado-narrador, frisemos que ele de bom grado aceitou o preconceito de José Dias sobre Capitu, “filha do *Tartaruga*”, “a pequena é uma desmiolada”, como vemos no capítulo III (de onde temos todo o enredo inicial do romance), e com sua grande imaginação, vislumbrou enquanto triste no seminário a “alegria de Capitu, dançando por ai”, elaborou cognitivamente a calúnia, prévia de um adultério naquele momento juvenil, surpreendentemente sem nunca sendo capaz de a rever seu julgamento. Eis o grande trunfo da retórica da verossimilhança: “(...) a verossimilhança domina o espírito da grande massa pela semelhança que tem com a verdade.”⁴⁴

Assim, se faz o necessário evitarmos afastarmos a retórica de verossimilhança.

⁴⁴ PLATÃO. *Fedro*. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda., 2007. p. 170.

5 VERDADE PROCESSUAL

Contudo o que vem sido permeado ao longo deste trabalho, a partir da crítica literária e a chave interpretativa da retórica de verossimilhança, torna-se possível a interpretação do romance como um processo criminal. Assim, é necessário nos valermos do entendimento de que:

“Direito e verdade complementam-se na medida em que o primeiro estabelece as regras ou as formas legais de verificação da infração penal, entre as quais encontram-se aquelas que visam esclarecer a segunda. Assim sendo, pode-se dizer que a verdade é um elemento fundamental que o Direito persegue e visa atingir.”⁴⁵

Em sua autobiografia, Bento Santiago se apresenta convencido de que Capitolina Santiago, sua esposa, o traía com Escobar, seu melhor amigo. Em contrapartida, não tendo sido flagrados, a convicção de Bento, baseada numa cognição subjetiva raivosa, habilidosamente construída tem sido verossímil, ao passo que desde da publicação as memórias casmurras fizeram com que recaísse sobre o nome da póstuma esposa, um duro veredicto de culpa.

Assim, o exame dos indícios narrativos predispostos a seguir, partem de uma ampla interpretação do romance. Mas destaquemos o ensinamento de que:

“[...] sendo a verossimilhança uma questão de fato, não se podem estabelecer sobre elas regras doutrinárias. Deve, portanto, ser deixada ao arbítrio do juiz, que a resolverá diante da circunstâncias que cercam o caso, diante do exame das relações existentes entre as provas feitas e os fatos que se pretendem provar.”⁴⁶

5.1 Relatório

As circunstâncias que incidem na acusação do crime de adultério à senhora Capitolina Santiago, está naturalmente limitada aos episódios posteriores ao seu casamento, isto é, literariamente os eventos sucedidos ao capítulo CI (No Céu). Mas, habilmente construída, a retórica de verossimilhança tem seu efeito, especialmente, se levarmos em conta que existe um contínuo e crescente esforço para construir a imagem de uma fria alpinista social isto é,

⁴⁵ BARROS, Marco Antonio de. *A busca da verdade no processo penal*. 3. ed., rev., atual. e ampl. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2012. p. 16.

⁴⁶ SILVA, De Plácido e. *Vocabulário Jurídico*. 31. Ed. Rio de Janeiro: Forense, 2014. p. 1479.

“se te lembras bem da Capitu menina, hás de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca.”⁴⁷

Vimos que as duas primeiras menções feitas à Capitu saem da boca de José Dias; a primeira: “a filha do *tartaruga*”,⁴⁸ a segunda surge no que diz que “a pequena é uma desmiolada.”⁴⁹ Assim, duras palavras para referir-se aquela que corresponde ao seu chamado interior, a vocação de uma vida, “mas a vocação eras tu, a investidura eras tu.”⁵⁰ A sugestão de Capitu para valer-se do auxílio de José Dias para sair do seminário, “Capitu, aos quatorze anos, tinha já ideias atrevidas, muito menos que outras que lhe vieram depois”⁵¹. Os leitores vão sendo preparados para o que virá a seguir.

A aproximação de Capitu com D. Glória é intencionalmente narrada como obra de uma alpinista social. São três passagens. Temos a primeira: “ao passo que nos prendíamos um ao outro, ela ia prendendo minha mãe, fez-se mais assídua e terna, vivia ao pé dela, com os olhos nela”,⁵² mais adiante, temos a segunda, “ela ia prendendo minha mãe”⁵³ e finalmente, a terceira, “ia agora entrando na alma de minha mãe”⁵⁴. Com isso, para objetivamente, Capitu “começou a fazer-se lhe (a D. Glória) necessária.”⁵⁵ Será que não haveria na realidade o sentimento natural que vincula sogras e noras, isto é, amarem a mesma pessoa? Intencionalmente, há um interesse em ressaltar o interesse financeiro de Capitu, e não apenas, vem do preconceito do pai de Capitu (Sr. Pádua), ao referir-se dele nestes termos, quando da despedida de Bentinho ao Seminário, “tinha os olhos úmidos deveras; levava a cara dos desenganados, como quem empregou em um só bilhete todas as suas economias de esperanças, e vê sair branco maldito número, - um número bonito!”⁵⁶ Isto é, perdendo a chance de um bom casamento (com interesse financeiro), porque vislumbrava-se que Bentinho seria padre.

Ademais, em nosso tempo alguns estudos contribuem para compreendermos as relações matrimoniais do Segundo Império, vejamos:

⁴⁷ ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 30. ed. São Paulo: Ática. 1997. p. 184.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 19.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 19.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 79.

⁵¹ *Ibidem*, p. 38.

⁵² *Ibidem*, p. 79.

⁵³ *Ibidem*, p. 79.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 99.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 114.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 80.

5.2 Fundamentos

Aos institutos jurídicos do segundo Império, no tocante ao poder marital e as formulas típicas distintas empregadas na criminalização do adultério da esposa e do marido, precisamente no Código Criminal de 1830 e no Código Penal de 1890, eram aos olhos do mundo atual, desproporcionais. Vale transcrevermos integralmente a lição de Nilo Batista:

Na linha de antiga tradição, o Código Criminal de 1830 oferecia estruturas típicas diferentes segundo o sujeito ativo casado do adultério fosse mulher (art. 250)⁵⁷ ou homem (art. 251)⁵⁸. Nesse modelo, que seria preservado no Código Penal de 1890 (art. 279, parágrafo 1º, inc. 1º)⁵⁹, o tipo legal do adultério da mulher está realizado com a prática de apenas uma conjunção carnal extramatrimonial, enquanto o tipo legal do adultério do homem requer uma estável reiteração de conjunções carnis com a mesma parceira, objetivamente sustentada por ele, configurando o que tecnicamente se chama *crime habitual*.⁶⁰

Por isso, contrastante com o direito atual, as ações de Bento Santiago estavam revestidas de virilidade; já Capitu a expressa condenação em um processo criminal inquisitório. Com isso, levaremos o romance como um processo criminal, todavia à luz do ordenamento jurídico atual.

Objetivamente a acusação de Bento apresenta três indícios do adultério de Capitolina Santiago: o caso das dez libras esterlinas, uma visita tardia que Escobar fez à casa de Bento, enquanto este estava ao teatro (capítulos CXIII e CXV) e a semelhança entre Ezequiel e Escobar.

5.2.1 As Dez libras esterlinas

Declarou Bento que sua esposa “era poupada”. Ainda adolescente, Capitu “Depois da morte da mãe, tomou conta de tudo (...) distribui o dinheiro, paga as contas, faz o rol das despesas, cuida de tudo, mantimento, roupa, luz.”⁶¹ Disso, dada noite, numa das aulas de astronomia na Rua da Glória, Capitu se distraiu fazendo cálculos de câmbio, interpelada por

⁵⁷ Art. 250. A mulher casada, que commetter adulterio, será punida com a pena de prisão com trabalho por um a tres annos. A mesma pena se imporá neste caso ao adultero.

⁵⁸ Art. 251. O homem casado, que tiver concubina, teúda, e manteúda, será punido com as penas do artigo antecedente.

⁵⁹ Art. 279. A mulher casada que commetter adulterio será punida com a pena de prisão cellualar por um a tres annos. § 1º Em igual pena incorrerá: 1º O marido que tiver concubina teuda e manteuda; 2º A concubina; 3º O co-réo adultero.

⁶⁰ BATISTA, Nilo. *Machado de Assis, criminalista*. Rio de Janeiro: Revan, 2018. p. 97.

⁶¹ ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 30. ed. São Paulo: Ática. 1997. p. 136.

Bento,” foi ao quarto e voltou com dez libras esterlinas”,⁶² resultantes da sobra do dinheiro das despesas mensais. Questiona quem foi o corretor, ao passo que relata Capitu ter sido, o amigo Escobar.

Não há registros de que Capitu fosse uma esbanjadora, pelo contrário, ainda, ao passo que apresentou espontaneamente ao marido, dado seu questionamento, soa minimamente estranho que havia ali algum ardil. Pelo contrário, uma esposa sagaz e zelosa, consciente das necessidades financeiras para economizar, brinca, ao ser questionada “é o que a avarenta de sua mulher pode arranjar em alguns meses.”⁶³

5.2.2 Uma visita tardia

Dada noite, ao irem a estreia de uma ópera, queixou-se Capitu de dor de cabeça e indisposição estomacal, porém, “quis por força” que Bento fosse.

O episódio resulta em um indicio de adultério, porém não constitui prova suficiente de sua ocorrência. Aliás, nunca teremos a oportunidade de saber, teria Escobar, pleiteado algo com Capitu, da mesma forma que com D. Glória ao afirmar diante de suspeitas de seu interesse juvenil, “convidar-lhe para segunda núpcias”,⁶⁴ não haveria ali, por Capitu, uma paixão desenfreada? Enfim, objetivamente aqui da mesma forma não há prova material, não há flagrante, nem testemunhas que culminem sumariamente na condenação de Capitolina Santiago.

5.2.3 Semelhança física

De plano, o dito popular de *tal pai, tal filho* ou *filho de peixe, peixinho é*, não corresponde a realidade. Bento enxergará – descreverá – em Ezequiel uma réplica de Escobar, a despeito de suas ressalvas incidirem sobre seus aspectos importantes: segundo ele, Ezequiel seria mais baixo e mais magro do que Escobar, além de mais rosado.

Ainda, em dado momento, “Escobar chegou a falar da hipótese de casar o pequeno (Ezequiel) com a filha”.⁶⁵ Adiante, em outra ocasião quando Bento sugeriu que entre Ezequiel e Capituzinha poderia ocorrer algo similar ao que se passara entre ele e Capitu “acharam

⁶² Ibidem, p.142.

⁶³ ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 30. ed. São Paulo: Ática. 1997. p.142.

⁶⁴ Ibidem, p. 133.

⁶⁵ Ibidem, p. 145.

todos que sim”.⁶⁶ Fica difícil acreditar que, em plena sociedade patriarcal do século XIX, tenha Escobar sugerido o casamento entre irmãos.

Assim, nesse terreno, melhor ficar a sabedoria do velho Gurgel (pai de Sancha), cuja falecida esposa era muito parecida com Capitu: “na vida há dessas semelhanças assim esquisitas.”⁶⁷

5.3 Dispositivo

Finalmente, bem sabemos que a lei n.º 11.106, de 28 de março de 2005, revogou o artigo 240 do vigente Código Penal, que continha o tipo penal do adultério. Disto, ocorreu, a *abolitio criminis*, isto é, no mundo prático resulta no desaparecimento do delito.

Portanto, cabendo ao Direito estabelecer a ordem social, a fim de evitarmos sermos envolvidos em uma narrativa engenhosamente seletiva e raivosa, isto é verossímil, e com isso praticarmos uma injustiça, de plano, Capitulina Santiago é inocente, não podendo ser condenada por um crime que foi abolido. Mas, vimos ainda que o suposto adultério dispõe de um único *indício*, insuficiente para fundamentar uma condenação. Sendo ela julgada, tomando o romance como os autos do processo, a luz dos institutos jurídicos atuais, a absolvição seria a conclusão harmoniosa com os princípios e regras no tocante a produção e ponderação das provas.

⁶⁶ Ibidem, p. 156.

⁶⁷ ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 30. ed. São Paulo: Ática. 1997. p. 117.

CONCLUSÃO

O presente trabalho se propôs a analisar a obra *Dom Casmurro* a partir da retórica de verossimilhança e processo criminal a partir da acusação do crime de adultério.

Para tanto, foi elaborada um panorama histórico literário do adultério para que permitisse compreender a originalidade da obra estudada.

A fim de proporcionar uma melhor compreensão acerca da obra, apresentamos um síntese.

Ainda, trouxemos as contribuições de leitores e críticos de *Dom Casmurro* para vislumbramos as chaves interpretativas disponíveis.

Analisamos a retórica de verossimilhança habilmente manuseada pelo nosso advogado-narrador, intercalando-a com passagens da obra, e alguns ensinamentos de Sócrates, sobre tais argumentos. A seguir, para afastarmos a retórica de verossimilhança, uma desenvolvemos uma análise processo criminal do romance, prolatando uma sentença absolutória à Capitolina Santiago.

Ao passo que oferece além de um ensinamento jurídico, reiterando que no mundo atual não há mais espaço para o sistema inquisitório processual penal, se faz necessário a defesa do contraditório e a ampla defesa consagrados em nossa Carta Magma. Mas também, sem deixar de termos, um valioso ensinamento filosófico, afinal “o que é a verdade?” concluímos seguramente que não é a verossimilhança.

Disto pode-se inferir que Bento sucumbi em sua vida privada. Não foi capaz de ainda em tempo averiguar as circunstâncias de sua dúvida, como nunca controlou seus ciúmes, exilou a esposa, renegou ao filho. Tristemente acometido pela dúvida, e ainda amando a póstuma esposa, sexagenário, ainda a consciência lhe expõe a uma análise de sua vida, análise tendenciosa, raivosa, longe da verdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. 30. ed. São Paulo: Ática 1997.
- BATISTA, Nilo. *Machado de Assis, criminalista*. Rio de Janeiro: Revan, 2018
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 48. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- BRASIL. Lei de 16 de dezembro de 1830. Manda executar o Código Criminal. Disponível: <[http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38059-16-dezembro-1830-565840-publicacaooriginal-89575-pl.html](http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei_sn/1824-1899/lei-38059-16-dezembro-1830-565840-publicacaooriginal-89575-pl.html)>. Acesso em: 20 nov. 2018.
- CINTRA, Rodrigo Suzuki. *Shakespeare e Maquiavel: a tragédia do direito e da política*. São Paulo: Alameda, 2015.
- FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary: costumes de província*. São Paulo: Nova Alexandria, 2009.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes. Mandrágora e a Posse Sexual Mediante Fraude. *Consultor Jurídico*, 7 de agosto de 2011. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2011-ago-07/embargos-culturais-mandragora-posse-sexual-mediante-fraude>>. Acesso em: 10 out. 2018.
- GOMES, Eugênio. *O enigma de Capitu*, ensaio de interpretação. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.
- HOMERO. *Ilíada*. Trad. Manoel Odorico Mendes. Fontes digitais: Digitalização do Vol. XXI dos Clássicos, Jackson 1950, Edição de 1874, Typographia Guttemberg, Praça da Constituição n. 47. Exemplar da Harvard College Library digitalizado por Google disponível no Google Books, 2009.
- KOSOVSKI, Ester. *O crime de adultério*. Rio de Janeiro: Mauad, 1997.
- LUCAS, Fábio. *O núcleo e a periferia de Machado de Assis*. São Paulo: Manole, 2009.
- OLIVEIRA, Raquel Garcia; ELIAS, Ivan de Oliveira; SANTOS, Heloisa Ribeiro dos. Amor, desejo, traição, hipocrisia: retratos do relíquias em “O primo Basílio” de Eça de Queiroz. *Revista Acadêmica Conecta FASF* 2(1):164-192, 2017. p. 190.
- PLATÃO. *Fedro*. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda., 2007
- SARTRE, Jean Paul. *As troianas*: adaptado de Eurípidas. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.
- SCHWARZ, Roberto. *Duas Meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SILVA, De Plácido e. *Vocabulário Jurídico*. 31. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

SILVIANO, Santiago. Retórica de verossimilhança. In: SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2. ed. – Rio de Janeiro: Rocco.

TRUBILHANO, Fábio; HENRIQUES, Antônio. *Linguagem jurídica e argumentação: teoria e prática*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2014.



TERMO DE AUTENTICIDADE DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Eu, EDUARDO SOUSA BARBOSA

Aluno(a), regularmente matriculado(a), no Curso de Direito, na disciplina do TCC da 10ª etapa, matrícula nº 313.8223-1, Período manhã, Turma sem turma,

tendo realizado o TCC com o título: RETÓRICA DE VEROSSIMILHANÇA E VERDADE PROCESSUAL EM “DOM CASMURRO” A PARTIR DA ACUSAÇÃO DO “CRIME” DE ADULTÉRIO

sob a orientação do(a) professor(a): Dr. Júlio César de Oliveira Vellozo

declaro para os devidos fins que tenho pleno conhecimento das regras metodológicas para confecção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), informando que o realizei sem plágio de obras literárias ou a utilização de qualquer meio irregular.

Declaro ainda que, estou ciente que caso sejam detectadas irregularidades referentes às citações das fontes e/ou desrespeito às normas técnicas próprias relativas aos direitos autorais de obras utilizadas na confecção do trabalho, serão aplicáveis as sanções legais de natureza civil, penal e administrativa, além da reprovação automática, impedindo a conclusão do curso.

São Paulo, 19 de novembro de 2018.

Assinatura do discente